

RÓTULOS: INTERFERÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR E FORMAÇÃO EDUCACIONAL NA AUTOESTIMA DO ALUNO

Maria do Carmo Rodrigues do Nascimento¹

Gláucia Maria Rodrigues do Nascimento²

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir das observações e pesquisa de campo na escola pública municipal de Varjota-Ceará, que atende alunos do Ensino Fundamental II e teve como propósito investigar como a escola encara a rotulação no cotidiano dos alunos. Desta forma a observação foi desenvolvida durante o Estágio Supervisionado III: Docência em História I- Ensino Fundamental II, problematizando como rotulação contribui no desenvolvimento da aprendizagem e como também reflete na não aprendizagem nos alunos em faixa etária entre 11 a 14 anos de idade, ainda a mudança no comportamento, o interesse pelos estudos em geral como também no desempenho quanto à aprendizagem. Neste sentido, tivemos a preocupação em explorar a multiplicidade de reflexo negativos vivenciados dentro da escola, sem negligenciar as produzidas no meio social e cultural dos alunos. A pesquisa de caráter qualitativo foi desenvolvida a partir de uma metodologia relacionada na participação no cotidiano escolar, na realização de registros de campo, entrevistas com profissionais da educação, bem como participação nas reuniões de pais e mestres e reuniões pedagógicas da escola. Cooperaram com as questões aqui levantadas Porto (2003), Alves (2008) como também artigos e monografia por abranger as relações de rotulações contínuas e não como ocorrências que tem uma origem somente nas escolas, possibilitando assim o questionamento enquanto produções históricas.

Palavras-chave: Educação, Aprendizado, Autoestima.

INTRODUÇÃO

A partir da experiência de estágio da disciplina Estágio Supervisionado III: Docência em História I (Ensino Fundamental II)³, na Escola de Ensino Fundamental Deputado Manoel Rodrigues, localizada na cidade de Varjota- CE, Rua Modesta de Mendonça- Centro no ano

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, maduhrodrigues3@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de História do Instituto de pesquisas Vale do Acaraú-IVA, Especialista em História do Ceará da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA, Graduanda em Pedagogia (EAD) da Universidade Federal do Ceará- UFC, glauciamariarodrigues32@gmail.com;

³ O Artigo foi resultado do projeto de pesquisa elaborado a partir do estágio obrigatório da disciplina de Estágio Supervisionado III: Docência em História I (Ensino Fundamental II)

de 2017. Onde aqui será relatada a experiência de estagio e abordar um dos principais problemas que interferem na educação na presente escola.

O tema escolhido foi à rotulação dos estudantes, de acordo com o dicionário Aurélio, “a palavra rotular significa: colocar rótulo ou etiqueta em; Qualificar de modo simplista; Classificar, reputar”, e as interferências que causam na aprendizagem do aluno, e que estão diretamente ligadas a aprendizagem e desenvolvimento educacional pessoal e social dos alunos do Ensino Fundamental II, uma vez que de maneira negativa atingem a construção da identidade do aluno e na autoestima, criando assim um problema grave de falta de perspectiva de vida no estudante. Em vista disso o problema deve ser solucionado, com a parceria entre escola e família, onde as mesmas têm esse desafio e obrigação nas mãos, e procurando com a parceria solucionar.

A adolescência é um período de construção e reconstrução de identidade, em que se faz presente à emergência de novos papéis sociais e também culturais, e o contato com a escola vai interferir diretamente nisso, a convivência com novas pessoas, novos ambientes, cada um com uma personalidade diferente, objetivos e experiências de vida.

O julgamento do outro, tendo com base em nossos padrões e concepções é algo bastante presente em nossa sociedade, e no ambiente escolar isso não é diferente. Podemos relacionar o fenômeno à dificuldade de aceitar o diferente, aquele que não corresponde ao padrão hegemônico estabelecido em uma sociedade. Essa estereotipação mostra uma necessidade dos indivíduos de se defenderem da diferença que o outro representa, negando sua alteridade. Sendo assim, os rótulos enquadram os sujeitos que os recebem em uma categoria reducionista, na qual são ignoradas todas as suas demais características.

A partir disso iremos abordar e analisar ao longo desse trabalho essa rotulação feita no ambiente escolar, que parte não somente dos alunos e professores, mas que também vem do ambiente familiar, e que interfere diretamente na autoestima do aluno e por consequência na sua aprendizagem.

Observamos que a escola, enquanto espaço de convivência, é palco de expressões distintas que influenciam na formação da identidade do indivíduo, além de ser um ambiente de encontros e desencontros significativos entre os grupos dentro da escola e fora dela. Dessa maneira, a instituição escolar foi analisada, considerando toda sua pluralidade própria no contexto escolar.

Acreditamos que um dos fatores relevantes no processo de rotulação é a intolerância ao diferente, o fato de o indivíduo não aceitar o que o outro é e tentar interferir nisso de maneira negativa, tentando diminuí-lo. E se tratando de adolescentes que ainda estão em um

processo de construção da sua identidade, o impacto vai ser maior, pois a partir do momento onde eles são rotulados em todos os ambientes que vivem, irá a partir disso se desenvolverem de forma negativa, pois acreditamos que o problema de autoestima se agrava, então a necessidade de escola e família trabalharem juntas para o desenvolvimento do aluno é um ponto principal.

METODOLOGIA

O método adotado para a coleta de dados e informações se deu principalmente pela observação em ambiente escola onde foram realizados diálogos informais com estudantes, professores e gestores da escola, e revisões de literatura sobre o tema.

Foi observado durante aproximadamente dois meses as salas de aula e ambiente escolar da escola Deputado Manoel Rodrigues, com o cumprimento de 40 horas de estágio exigidos pela disciplina de estágio supervisionado III: docência em história I (ensino fundamental II). Com esse estágio de observação teríamos que vivenciar o ambiente escolar como um todo, do núcleo gestor, sala de professores, espaço de lazer dos alunos, biblioteca, e a observação das aulas de História e no fim do estágio dar uma aula, a nosso critério, onde seríamos observados e avaliados pelo professor regente em sala.

As Turmas observadas foram os 6º, 7º, 8º e 9º anos, com turmas de A, B, e C. A turma que tive como foco para desenvolver meu projeto foi à turma do 9º ano B, onde nesta turma pode-se observar um nível de rotulação elevada, levando em consideração todas as turmas observadas durante o estágio na referida escola.

DESENVOLVIMENTO

Escola e a rotulação

O desenvolvimento educacional é um processo contínuo levando em consideração todo um conjunto de habilidades e capacidades que tendem a ser estimuladas no meio. Para a progressão do aluno é necessário bem mais que estímulos, mas também compreender as fases de aprendizagem dos alunos. Segundo Veêr e Valsier (1991) parafraseando com Vygostky ao defender as fases e formas de aprendizagem das crianças relatam “A estrutura da personalidade em desenvolvimento da criança muda em cada período de idade, a proporção que diferentes partes do sistema da personalidade assumem um papel na pessoa em

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

desenvolvimento em diferentes idades”. VEER E VALSNIER (1991; 336). De forma a tudo que vivenciado em fases da vida determina parte de sua personalidade. Em outras palavras experiências passadas determinam nas ações do presente, de forma que ações vividas negativamente irão refletir na construção da identidade pessoal e contribuíram na sua autoestima.

A princípio os rótulos colocados em crianças e adolescentes provavelmente, e inibições de tantos outros comportamentos que também são emitidos no meio social e espaço culturais. Geralmente, a sociedade em que vivemos se organiza de forma que, a maneira como a pessoa se porta ou o que ela faz se torna o que ela é. Por exemplo, na maioria das vezes as crianças e adolescentes são conhecidas predominantemente por suas características: inteligente, feio, bonito, gordinho, inquieto, comportado, magrinho, baixinho, entre outras.

Com base nas abordagens sobre os rótulos nas escolas e as implicações dos na formação educacional e na autoestima do aluno é possível notar semelhanças nas reflexões dos autores que se debruçam sobre esse tema. Segundo Alves:

O rótulo é antes de tudo uma visão distorcida que aponta na direção de uma “identidade” inadequada, que oprime, restringe e é aplicada sem o consentimento deste outro, como único caminho estabelecido por julgamentos superficiais, sem fundamentos reais, baseado na ideia do que é “adequado”, de caráter individualista e nada sensibilizado. (ALVES, 2008)⁴

E que mais a gente presencia no ambiente escolar, alguns alunos se sentem de certa forma rebaixados por não estarem recebendo a atenção devida, e a maneira que encontram para chamar atenção é de forma negativa, conversando nas aulas desrespeitando os professores, os colegas e etc.

A adolescência é o momento principal de definição da identidade, e refere-se principalmente a importância que os jovens constituem ao olhar do outro em relação a si, para a construção de sua autoimagem projetando a sua identidade, fundada em referências e opiniões de terceiros, familiares, amigos, colegas entre outros.

Muitas vezes casos de bullying acontecem, e então o bullying também entra como algo que se assemelha a rotulação, pois através deles os jovens tem a mania de descreverem um ao

⁴ ALVES, Gabriela Maciel. A construção da identidade do adolescente e a Influência dos rótulos na mesma. Universidade do extremo sul catarinense – UNESC. Curso de psicologia. Criciúma, julho de 2008.

outro, só que de maneira pejorativa que também vai acarretar problemas na autoestima do colega. Sobre os problemas causados Alves vai destacar:

Quanto ao problema de pesquisa que buscou investigar quais as consequências emocionais que os rótulos surgidos na adolescência podem acarretar na construção da identidade e autoimagem dos adolescentes, pode-se concluir que, a adolescência é o período em que o sujeito procura se reconfigurar, reorganizar e reforçar os alicerces de base da sua identidade, por intermédio de novos conceitos estabelecidos com renovadas percepções da realidade, de si e das circunstâncias atuais. E justamente em decorrência disso, torna-se emergente a reflexão de que a não aceitação ou meio desfavorável das relações cotidianas do adolescente que, neste caso se remete a ação rotuladora, tornam-se bastante nocivas ao desenvolvimento da identidade saudável no adolecer. (ALVES, 2008)⁵

Tanto a construção da identidade e autoestima são afetadas, o que se pode perceber com a experiência de estágio ate mesmo somente pela observação é que muitos dos jovens afetados com essa rotulação escolar e familiar é que não tem perspectivas de futuro, por conta da falta de atenção e de das depreciações constantes da sua imagem e da falta de confiança de seus próximos neles. Alves vai abordar que:

Na realidade a grande problemática dos rótulos é que são estabelecidos em uma visão distorcida das capacidades do outro e em pré-julgamentos. E a forma de romper com esta ação desqualificadora está simplesmente em possibilitar ao outro, espaço para o exercício de sua espontaneidade e autenticidade, em que não haja a ação de restringir por antecipação, mas, seja permitida a demonstração das capacidades de superação aos limites impostos por pré-julgamentos. (ALVES, 2008)⁶

O aluno apesar de não ser brilhante em uma determinada disciplina, deve ser deixado livre para explorar as suas habilidades em outras disciplinas, a afinidade em outra área, não deve ser intitulado como quem “se tal aluno não sabe matemática, não consegue aprender coisa alguma”. As diversas habilidades dos alunos tem que ser bem observadas, e essa consciência deve se iniciar de casa e ser propagado na escola, explorar o que ele tem de melhor em outras áreas, muitas das vezes eles deixam de tentar aprender algo novo ou que eles considerem interessantes por falta de estímulo tanto na escola como em casa e ambientes sociais.

Os alunos podem contaminar-se pelo julgamento dos outros, compreendendo como são considerados, avaliados, ou melhor, julgados, devido a constante espera e reforço de que venham a agir de acordo com o olhar pré-estabelecido lançado sobre eles. Alguns professores

⁵ *Ibid.*,

⁶ *Ibid.*,

fazem isso, a mudança de alunos de lugar na sala de aula também é uma maneira de rotular, onde somente os bons ficam perto um dos outros e os tidos como ruins separados, dizendo que é para não atrapalhar o colega, o aluno tende a entender que esta sendo excluído, e ele esta sendo realmente. Sobre a rotulação feita pelos professores e núcleo gestor Bernardo e Soares vão falar:

O preconceito nas escolas é um ato extremamente prejudicial a qualquer criança, ele exclui e prejudica até mesmo no desempenho escolar. Pior do que quando vem de um colega, o rótulo quando vem de um professor, faz o aluno realmente acreditar que ele possui os modos e características que os colegas já citam. Não é uma atitude proposital, mas os professores devem evitar tratar o aluno pelas suas características e começar a tratá-lo como um todo. (BERNARDO e SOARES, 2012)⁷

A escola não deve excluir ou estabelecer rótulo para o aluno, pelo contrário, tem que acreditar nele, pois eles tomam como verdade as rotulações estabelecidas a eles, e a partir disso passam a continuar e ou piorar o comportamento abusivo dentro da escola. Deve ser levado em consideração o que eles já passam em casa, os próprios pais não acreditarem neles e levam isso para escola também, então é dever da comunidade escolar juntar, tornam-se parceiros, e não exclui e ou limitar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O momento de observação e pesquisa foi em todas as turmas do turno da manhã da escola, de 6º ano ao 9º ano. Entretanto, a turma que tive como foco para desenvolver meu projeto como já foi citado no decorrer deste trabalho foi à turma do 9º ano B.

Durante esse período de reflexão na qual, quando estava em observação no recreio presenciei a fala da coordenadora: “só estão ai os inteligentes, pra você aparecer ai você tem que ser inteligente”, respondendo a pergunta de um aluno que estava se referindo ao mural de foto de alunos destaque do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaace).

Podemos observar que os alunos ficam constrangidos e tristes por conta de não serem inteligentes o bastante para aparecer como destaque, e certa revolta, pois o desestímulo ao estudante parte da coordenação da escola também. A família também contribui para

⁷ BERNARDO, Bruna Amaral, SOARES, Adriana. Professores que rotulam. Revista Enciclopédia – FACOS/CNEC Osório Vol.9 – Nº1 – OUT/2012 – ISSN 1984-9125.

autoestima baixa dos estudantes, os alunos são indagados pela professora sobre o que querem ser quando saírem da escola, se vão fazer faculdade de que, então um aluno da turma 9º ano B responde: “Nada tia, por que minha mãe diz que eu sou burro”. Nota-se que o desestímulo vem de casa e que não somente da escola, que deve mudar seus métodos de encorajamento e como também a família.

Ao final do estágio era necessária uma regência em qualquer uma das turmas que foram realizadas as observações em sala de aula. Sobre a regência escolhi a turma do 9º ano B, pois foi à turma que mais identifiquei a necessidade de apoio e estímulos para com os alunos e o principal fator que levou a escolha dessa turma em especial foi sentir o sentimento de abandono que eles carregam consigo para com alguns professores, de não serem queridos por não serem tidos como os mais inteligentes ou quietos. Foi pensada uma aula dinâmica onde seria feito um jogo de perguntas e respostas, onde todos eles teriam as mesmas chances de participar, e no momento da explicação de como seria a dinâmica da aula, foram ouvidos sobre as perspectivas deles a cerca do jogo e de como eles gostariam que acontecesse para que todos fossem inseridos e se sentissem parte do jogo e como peças principais e as mais importantes da dinâmica. Apesar da limitação com livro didático, onde a escola sofre um problema de quantidade de unidades disponíveis, e os alunos não podem levar o livro pra casa, a não ser com autorização da direção, alguns levaram e outros não. A proposta foi que estudassem o conteúdo em casa e no outro dia seria aplicado o jogo, pois a professora de história também sofre com o problema de aulas quebradas, por exemplo, são apenas duas aulas de História em cada turma, uma é na segunda na 3º aula e a outra na sexta na 5º aula. Então foi proposta a divisão da turma em duas equipes onde cada um responderia as perguntas a partir do sorteio. O conteúdo trabalhado foi pós Segunda Guerra Mundial no capítulo do livro didático intitulado como: “O mundo dividido pela Guerra Fria⁸”. A participação dos alunos foi efetiva, todos quiseram participar, mesmo sabendo que não ganhariam prêmios pela possível vitória no jogo. E ao fim o jogo foi empate.

A partir dessa dinâmica em sala de aula podemos concluir que eles não veem a história como uma disciplina chata, e que eles são estimulados pelo diferente, a proposta de aprendizagem com aulas diferentes é atrativa para eles, a gente percebe o interesse deles em aprender, e como futuros professores de história que somos, temos que ter concepção de que os alunos precisam saber que nos acreditamos no potencial deles e que eles são capazes. Temos que investir no potencial deles, e como presentes no ambiente escolar fazer com que

⁸ BRAICK, Patrícia Ramos. Estudar História: as origens do homem à era digital. -2º ed. São Paulo: Moderna 2015.

nossos colegas das demais áreas e o núcleo gestor também compartilham do mesmo pensamento nosso. Devemos tentar trazer a família mais junto da escola, mais principalmente acreditar em nossos alunos e fazer o que esta a nosso alcance dentro da escola, para por acaso vir a sofrer algo em a casa o impacto seja menor. Acreditar nos nossos alunos, investir no potencial principalmente dos que são tidos como ruins, não desistir e acreditar é nosso papel de professor educar acima de tudo apesar das dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações em sala de aula e ambiente escolar foi possível perceber como os alunos são influenciados pelo julgamento dos outros, compreendendo que eles realmente são incapazes de aprender algo, de produzir, de inovar ou de inventar. E, quando isso já vem acontecendo desde o ambiente familiar, para tirar isso da cabeça deles é bem difícil, porém não é impossível. Nós enquanto educadores cientes do papel de educar podemos tratar do problema como função da escola, mas, não fica somente a cargo dela, todavia, também é cargo da família, que em conjunto com escola possam reparar o problema como um todo.

O papel do educador vai para além de repassar conteúdos, o aluno pode ver ele como um exemplo a seguir ou não. Quando nos deparamos com uma turma que claramente tem problemas de estímulos, de autoconfiança e autoafirmação, o que nós temos o dever de fazer é instiga-los, tentar mostrar pra eles que eles são capazes de conseguir, e por mais que seja necessária uma demanda de tempo maior, não podemos desistir. Nós como educadores sabemos que o processo educacional é lento e gradual e que a partir do momento que nós seguimos com a profissão de educador, sabemos disso e estamos assumindo o papel de instrutor, de mestre, que vai para além do que repassar conteúdos, é de passar a se preocupar se o aluno esta aprendendo ou não, e o porquê de não, se não, é buscar tentar ajudar ele da melhor forma possível.

Podemos concluir ao fim dessa experiência é que, o que mais os adolescentes precisam nessa fase de construção da sua identidade, é ter alguém que acredite em seu potencial e lhes diga isso, que eles são capazes, que são inteligentes, que eles conseguem aprender determinada coisa se esforçando um pouco mais. A transmissão de confiança é fundamental, e o professor tem esse poder de estimular como também de fazer o contrário. E a partir do momento em que estamos em um ambiente escolar, ou seja, ele qual for, temos que fazer com que eles se sintam bem e confiantes para seguir, a autoestima da um ar de confiança

e coragem ao aluno, e é isso que ele precisa em um momento onde ele sente inferior, por que a partir da sua autoconfiança ele pode conseguir superar adversidades que os levem a sofrer transtornos maiores em outras fases da vida. E ao fim nós como educadores, podemos ter a certeza de que estamos desempenhando um papel muito importante e fundamental na sociedade, o de professores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gabriela Maciel. A construção da identidade do adolescente e a Influência dos rótulos na mesma. Universidade do extremo sul catarinense – UNESC. Curso de psicologia. Criciúma, julho de 2008.

BERNARDO, Bruna Amaral, SOARES, Adriana. Professores que rotulam. Revista Enciclopédia – FACOS/CNEC Osório Vol.9 – Nº1 – OUT/2012 – ISSN 1984-9125.

BRAICK, Patrícia Ramos. Estudar História: as origens do homem à era digital. -2º ed. São Paulo: Moderna 2015.

Howard Gardner, o cientista das inteligências múltiplas. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/1462/howard-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas>>. Acesso em 09 de outubro.

PORTO, Hedimar Soares. Aluno rotulado. Universidade Cândido Mendes – Pós-graduação – Latus-sensu. Rio de janeiro, agosto de 2003.

VEER, René Van. ; VALSINER, Jaan. Vygotsky Uma síntese. Tradução: Cecília C. Bartalotti. Editora Loyola, 1996.